

UM BILHÃO!

Roberto Rodrigues*

A safra de verão do centro sul está correndo de forma muito irregular, basicamente por causa das condições do clima: o El Niño andou fazendo muitas "molecagens" nesta estação. Os meses de outubro e novembro foram chuvosos, o plantio de grãos foi até antecipado, permitindo prever uma colheita precoce de soja e a partir disso surgiu a abertura de uma janela maior para a segunda safra de milho, com consequente abundância do produto.

Mas em dezembro fez muito calor e faltou chuva em muitas áreas, sobretudo no Sul e no Nordeste do país, com consequências desastrosas para produtores destas regiões, que já contabilizam prejuízos pesados nas colheitas de soja e de milho. E em janeiro houve uma má distribuição pluviométrica, de modo que a irregularidade das roças é patente, além da continuidade das altas temperaturas.

Mesmo assim, ainda é possível esperar uma grande safra de grãos, dada a alta tecnologia empregada: como se sabe, anos seguidos de boa aplicação tecnológica conferem às culturas anuais uma maior resistência a veranicos ou à redução de expectativas devido ao clima. Quando esta revista estiver circulando teremos maior clareza quanto ao volume de grãos a serem colhidos, mas números em torno de 230 milhões de toneladas são factíveis.

E isto leva a um comentário recorrente: sempre se analisa a perspectiva de safras sob a ótica de volumes de produção. E sempre se comparam diferentes anos para avaliar o aumento ou a diminuição das colheitas, quando o importante seria comparar o faturamento de cada segmento para se verificar se houve ou não melhoria na economia setorial. Isto já é mais ou menos feito, mas o mais relevante mesmo é comparar custos de produção com valor de venda. Só assim se pode definir se o resultado foi positivo ou negativo. E aqui é que mora a dificuldade: o Brasil é muito grande, os custos variam demais em função da logística, o clima interfere muito nas diversas regiões produtoras, e as análises acabam olhando os resultados pela média, o que é muito precário quanto à estabilidade de renda do empresário rural. Mesmo quando são realizados estudos por estados, sendo eles muito grandes, a média estadual mascara a realidade do ponto de vista do produtor. Sob esse prisma, considerados os preços das principais commodities e o aumento dos custos de produção em função de preços de insumos, podemos mesmo ter uma safra grande, ajudando o país a combater inflação e a aumentar o saldo comercial, mas os produtores terão problemas de renda em vastas regiões.

Os números são impressionantes: o volume de produção agrícola de 2019 será próximo de 1 bilhão de toneladas: 230 milhões de grãos, 620 milhões de toneladas de cana, 62 milhões de sacas de café, 273 milhões de caixas de laranja, 28 milhões de toneladas de carnes (10 da bovina, 14 de aves, 4 da suína), 37 bilhões de litros de leite, cerca de 45 bilhões de ovos, 13 milhões de toneladas de hortifruti, e assim por diante. No ano passado, exportamos 100 bilhões de dólares do agro. Podemos superar isso em 2019. Um bilhão de toneladas! 100 bilhões de

dólares de exportação! Mas qual o futuro de tudo isso sem renda para o produtor?

Que venha o Seguro Agrícola tão sonhado por todo mundo...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**